

A visão de um Brasil sincrético religioso (1940)

The vision of a syncretic Brazil religious (1940)

Camila Nascimento Oliveira

Graduada em História
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
camilaoliveira9712@gmail.com

Gabrielle Lorrane Vaz Henrique

Graduanda em História
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
gabriellelvh@gmail.com

Júlia Calvo

Doutora em Ciências Sociais
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
juliacalvo1@gmail.com

Recebido em: 04/01/2022

Aprovado em: 30/06/2022

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de analisar o Censo de 1940 e apresentar o contexto religioso daquele período. A partir dessa avaliação, observa-se o aspecto sincrético presente no Brasil e como esse processo apresenta uma ressignificação das concepções religiosas em doutrinas espíritas, no catolicismo e nas religiões de matriz africana. Assim, o trabalho foi desenvolvido conforme o método quantitativo e qualitativo dos dados dispostos no Censo e com base na revisão bibliográfica em livros, artigos e periódicos, além de imagens dispostas no site da Biblioteca Nacional e do IBGE, em conjunto com um levantamento bibliográfico. Com isso, tem-se a observância do Brasil como um país que se mostra multicultural e multiétnico. Entre os estudos que norteiam a pesquisa, observamos o estudioso Giumbelli e as pesquisas sobre o Espiritismo. Além de estudos de intelectuais, como Arthur Ramos, que ressalta através de um viés antropológico à vivência da população negra e as religiões de matriz africana.

Palavras-chave: Sincretismo; Religião; Censo.

Resumen/Abstract: This article aims to analyze the 1940 Census and present the religious context of that time. From the evaluation, observe the syncretic aspect present in Brazil and how this process presents a resignification of religious conceptions in spiritist doctrines, in Catholicism and in the religions of the African matrix. As well as the published method, article and qualitative data was developed in the Census and based on the research of national data in books and periodicals, available on the bibliography website, in with a data survey. With this, Brazil is observed as a country that shows itself to be multicultural and multiethnic. Among the studies that guide the research, we observe the scholar Giumbelli and the research on Spiritism. In addition to studies by intellectuals, such as Arthur Ramos, who emphasizes through an anthropological bias the life of the black population and the religions of the African matrix.

Palabras clave/Keywords: Syncretism; Religion; Census

1.Introdução

Ao observar o cenário de 1940 é válido salientar que a historiografia desenvolveu vários estudos, no entanto, a maioria foi enviesada para a história política e econômica. Com isso, a história cultural e, conseqüentemente, estudos acerca da religião não foram tão explorados. Faz-se necessário compreender que a religião esteve por muito tempo no Brasil atrelado tanto às relações sociais como às públicas, logo, através das práticas religiosas, bem como os sincretismos, é possível entender alguns aspectos importantes da formação social brasileira.

A formação do país se deu com base na junção de diversos povos, como os indígenas, africanos e europeus. A partir disso, é possível observar a grande miscigenação no território que fez com que surgisse, paulatinamente, um significativo sincretismo em diversos aspectos, sendo que, no sentido religioso, se torna excepcionalmente perceptível todo esse processo. Ao observar o contexto das religiões brasileiras, nota-se a presença de características sincréticas que surgiram devido à repressão do Estado e da sociedade perante algumas religiões, como as indígenas, ou, de matrizes africanas, que utilizaram de aparatos da religião oficial, a católica, para não serem repudiadas. Ademais, religiões e doutrinas que acoplaram ritualísticas novas em função da ressignificação no contexto de formação da identidade brasileira.

O recorte temático apresentado se faz necessário para valorizar os temas da micro-história, que se tornou uma das bases analíticas dos historiadores como forma de buscar as diversas representações dentro da História. Com a oposição ao modelo tradicional positivista, centrado na História política hegemônica (que definia-se como história total), a renovação da produção histórica, que ficou popularmente conhecida por Nova História, interessou-se pela atividade humana de forma mais ampla, pelas concepções, crenças, práticas populares e cotidianas.

Durante a Fase dos Annales (1929-1989), inovaram em objetos, métodos e diálogo com outras ciências e ainda mantinha uma proposta mais generalizante da História. Ao perder esse caráter mais generalista alterou-se para História Cultural e se desdobrou em subespecialidades onde a micro história se insere.

Portanto, a micro-história não é, necessariamente, a história dos excluídos, dos pequenos, dos distantes. Pretende ser a reconstrução de momentos, de situações, de pessoas que, investigadas com olho analítico, em âmbito circunscrito,

recuperam um peso e uma cor; não como exemplos, na falta de explicações melhores, mas como referências dos fatos à complexidade dos contextos nos quais os homens se movem (LEVI, 2009, p.14).

A micro-história diz respeito à amplitude dos temas e, principalmente, ao modo de observação. Não é assim, uma redução do espaço físico e nem de grupos/comunidades, mas uma redução na escala de observação voltadas para a análise e percepção de práticas, trajetórias e aspectos de um outro modo. Para Barros (2011), o micro historiador não estuda propriamente a pequena comunidade, mas estuda “através da pequena comunidade” (BARROS, 2011, p. 153).

Sendo assim, a representação das religiões e o estudo de seus sincretismos apresentam aspectos de uma estruturação social e cultural do Brasil que se tornam parâmetro para a compreensão do contexto nacional em 1940. O Censo demográfico como fonte histórica se tornou possível justamente por apresentar informações que mostram o contexto e as reproduções sociais pautadas em diferentes épocas da História, além de ser uma possibilidade de estudos a partir do uso de fontes demográficas, que foram pouco utilizadas na História até 1980. Vem na esteira das transformações permitindo a percepção demográfica como retratos de uma realidade brasileira que, quando problematizada e posta no contexto, nos indica crenças e práticas cotidianas identificáveis e nos permite problematizar e discutir, em escala, aquilo que destoia do padrão e nos apresenta comportamentos e concepções de mundo num determinado espaço e tempo.

Segundo o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o Censo “Constitui a principal fonte de referência para o conhecimento das condições de vida da população em todos os municípios do país e em seus recortes territoriais internos, tendo como unidade de coleta a pessoa residente, na data de referência, em domicílio do Território Nacional”. O Censo de 1940 que é referência para este trabalho, tem uma grande relevância para o estudo da religião, tendo em vista que esse dado não foi registrado nos Censos anteriores.

2. Aspectos teóricos metodológicos

A pesquisa aqui é quanti-quali. Baseia-se inicialmente no método da Pesquisa Quantitativa, em que foram analisados dados disponibilizados pelo Censo IBGE de 1940 sobre a totalidade de pessoas vigentes dentro das alternativas que tange religiões “espíritas”, “de outra religião” e “de religião não declarada”. A análise quantitativa se debruça no número, comparando e indicando tendências, no caso do Censo demográfico, populacionais. O Censo de 1940, o primeiro que foi elaborado dentro pelo IBGE, seguiu padrões internacionais e oferece uma clara intenção de ampliação sobre o conhecimento da população brasileira destacando a diversidade do país. A partir

da verificação, foi possível fazer uma Pesquisa Qualitativa através de imagens coletadas na Biblioteca Nacional e do site do IBGE que se referem a cultos religiosos de matriz africana. Cabe esclarecer que as opções apresentadas pelo Censo de 1940, não oferecem o enquadramento nessas matrizes – equivale, portanto a interpretação do entrevistado de se declarar em uma das alternativas oferecidas. Entretanto, ao analisar a representatividade numérica de pretos e pardos e ao observar o registro das imagens levantadas nos arquivos, o questionamento sobre a representatividade das religiões de matriz africana se tornou o foco da nossa investigação. Dentro dessas análises aparece a possibilidade de interpretação acerca do funcionamento social a partir do aspecto religioso e como o sincretismo se deu dentro das religiões:

Com a presença dos africanos no Brasil Colônia, as diferentes religiões e/ou os cultos tradicionais dos diversos grupos étnicos foram-se assimilando, para, num primeiro passo, paulatinamente constituírem o que se costuma chamar de candomblé e num segundo instante, estabelecerem um diálogo também com a religião católica e os cultos indígenas, adotando elementos destes (ROMÃO, 2018, p.362).

O autor Tito Romão utiliza a explicação da museóloga Olga Cacciatore para exemplificar as diferentes nações africanas que originaram os cultos afro-brasileiros do Candomblé. “Culto afro-brasileiro que abrange as seguintes nações: a) sudaneses – jeje (daomeanos), nagô (iorubá) – compreendendo os rituais keto, ijexá, nagô, oyó – e compostos; b) bantos – angola, congo e compostos; c) com influência indígena – Candomblé de caboclo. Os deuses (orixás) e rituais dos ioruba (nagô) predominaram e influíram sobre os outros” (CACCIATORE, 1988, p. 78 apud ROMÃO, 2018, p. 363).

As origens étnicas compostas pelos diferentes grupos uniu diferentes culturas que contribuíram para a construção das religiões por meio das etnias, como o caso da Umbanda, uma religião brasileira que une diversas crenças e a fusão de algumas das etnias citadas acima, como o “nagô, com a permeiam as relações sociais no país. Através do sincretismo religioso é possível considerar essa pajelança (dando um primeiro tipo de Candomblé de caboclo), sofrendo ainda influência dos malês islamizados, do catolicismo e do espiritismo” (CACCIATORE, 1988, p. 242 apud ROMÃO, 2018, p. 368).

Junto destas é importante mencionar o grupo dos “espíritas”, que dentro de um aspecto geral faziam referência ao Espiritismo Kardecista. No Brasil “por volta de 1853, ou seja, um ano antes de Kardec começar a tomar contato com os eventos que culminaram na doutrina espírita, as

“mesas dançantes”¹ chegavam ao Brasil” (FERNANDES, 2008, p. 82). Toda a introdução das mesas no país, apresenta como a espiritualidade era uma crença que aos poucos adentrava no Brasil e que teria o Kardecismo como uma das doutrinas presentes em território nacional. “Kardec lança o livro dos espíritos em 1857. Tempo depois, por volta de 1860, as obras espíritas, em francês, começam a chegar ao país. Foram trazidas principalmente por franceses que moravam aqui no país ou por pessoas ricas e instruídas da sociedade que tinham contato com o estrangeiro” (FERNANDES, 2008, p. 83). No primeiro momento, o espiritismo fazia parte da elite nacional, e só começou a fazer parte da sociedade brasileira após Luiz Olímpio Teles de Menezes ler o livro de Allan Kardec e apresentá-lo ao Brasil, sendo realizado em 17 de setembro de 1865 a primeira sessão espírita (FERNANDES, 2008).

Ambos aspectos mencionados foram possíveis de perceber através do uso das fontes já citadas anteriormente, pois, para entender o Brasil sincrético e como se deu sua organização, as imagens e dados usados se mostram de suma importância, como é apresentado no livro *Fontes Históricas: Introdução ao seus usos historiográficos*: “As fontes históricas são fontes para entender a História-acontecimento e para produzir a História escrita que será elaborada pelos historiadores, mas também são históricas em si mesmas. Foram produzidas em um fluxo histórico, e na confluência de várias histórias” (BARROS, 2019, p.236).

Ou seja, a pesquisa aqui realizada apresentará dados primários com outras obras historiográficas em busca de esclarecer e apresentar os fatores que levaram ao sincretismo religioso durante a República. Segundo Oliveira, (2003) esse período, denota um movimento de centralização política no país em função do processo ditatorial que se instaurou em 1937 a 1945. “O período que corresponde à ditadura Vargas e tem por características políticas principais o fechamento do Congresso, a designação de interventores nos estados da federação, a atrelagem dos sindicatos à tutela do Estado e a outorga de uma constituição em moldes fascistas”(OLIVEIRA, 2003, p.25).

A centralização política supracitada influencia no aspecto jurídico também. Ao observar o Artigo 284 do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 nota-se que são apresentadas medidas punitivas para aqueles que exercem práticas que vão à contramão das tradições cristãs ou

¹ “Em meados do século XIX, “fantasmas” rondavam os Estados Unidos e a Europa. Mesas giravam e ruídos estranhos eram ouvidos por pessoas que se reuniam em sessões de entretenimento justamente para assistir ao espetáculo. Um grande divertimento para uns, um grande enigma para outros, o fenômeno das “mesas girantes e falantes” reunia frequentadores nos salões europeus em busca de mensagens obtidas através de pancadas produzidas por objetos, que mais pareciam obedecer a alguma força desconhecida e autônoma” (ARRIBAS, 2012, p.466).

de religiões advindas da Europa, como é o caso do Espiritismo. Como forma de evitar a punição, alguns recenseados, possivelmente, assinalavam ser de outra religião. “Em seu trabalho sobre a institucionalização da umbanda em São Paulo, Negrão relata que entre 1920 e 1940 as associações umbandistas eram registradas em cartório como espíritas, pois só assim podiam exercer publicamente suas atividades sem sofrer perseguição policial” (MONTERO, 2006, p.53). Desse modo, a avaliação de religiões de matriz africana, bem como dos fundamentos do Kardecismo será um importante aspecto a ser trabalhado para buscar a integração entre tantas culturas e princípios religiosos.

Dentro das religiões de matriz africana, serão analisadas três vertentes: Candomblé, Congado e Umbanda. A primeira é uma religião afro-brasileira que de acordo com o sociólogo Reginaldo Prandi é uma “religião brasileira dos orixás e outras divindades africanas que se constituiu na Bahia no século XIX” (PRANDI, 2004, p.223). Já o Congado são rituais e festas que unem diversos elementos cristãos e “danças, percussão e narrativas que remetem ao reino do Ndongo” (ROCHA, 2018, p.5). A Umbanda por sua vez é uma das religiões com maior sincretismo dentro de sua doutrina, tendo em vista que reúne “o catolicismo branco, a tradição dos Orixás da vertente negra, e símbolos, espíritos e rituais de referência indígena” (PRANDI, 2004, p.223).

O Kardecismo, como já relatado acima, é uma doutrina espírita que se baseia nos escritos do francês Allan Kardec que propôs uma nova visão sobre a vida. Sendo assim, os escritos de Kardec obtiveram uma grande influência no Espiritismo, o que fez com que uma nova doutrina espírita surgisse.

3. O censo de 1940 e os apontamentos sobre as religiões

Infere-se que desde o período colonial houve tentativas de averiguar as características da população, o que demonstra a preocupação da metrópole em afirmar o seu domínio sobre o território. Com base nisso podemos observar que:

Por sua vez, a íntima associação entre a Coroa portuguesa e a Igreja católica, permeando todo o processo de povoamento da Colônia, levaria a que representantes do clero participassem ativamente das primitivas formas de contagem populacional, tomando a si a responsabilidade de enumerar os fogos e os fiéis de suas paróquias, bem como de registrar os eventos principais do ciclo de vida - nascimentos, batizados, casamentos e mortes - de seus paroquianos. Juntamente com capitães-mores, párocos e curas eram, então, encarregados de fornecer às autoridades coloniais os “mapas” com estimativas da população. Dessa conjugação de esforços entre militares e religiosos derivariam os nomes das primeiras contagens, significativamente chamadas de listas de ordenança (listagem de habitantes com objetivos militares ou fiscais) e listas de desobrigas

(listagem de habitantes que pertenciam a uma paróquia) (BOTELHO, 1998 apud OLIVEIRA, 2003, pág. 8).

No entanto, o ano que se inaugurou a aplicação de um Censo que abarcasse quase todo o território brasileiro foi em 1872, quando o país passava pelo período Imperial. “O Recenseamento Geral do Império de 1872 foi a única experiência que logrou sucesso em contemplar quase toda a população do Brasil, no seu período imperial e escravista” (PAIVA; RODARTE, 2014, p. 274). Um ponto válido de ressaltar é que nesse Censo houve a contabilização de escravos, religião e deficiência física que foram posteriormente ignorados nos demais Censos até 1940.

Em vista dessa lacuna de informações que ficaram sem ser questionadas até 1940, é válido ressaltar a retomada de informações que o trabalho deste ano proporcionou que, no que lhe concerne, aconteceu no período político de vigência de Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937 – 1945) em que o país passava por uma forte intervenção do Estado e industrialização do Brasil. Ademais, observa-se nesse contexto a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). “É nesse contexto de centralização política e econômica que se dá a criação do IBGE (1938) e é ele que explica, em grande medida, a importância estratégica atribuída à produção das estatísticas demográficas e econômicas, à pesquisa geográfica e ao mapeamento do território” (OLIVEIRA, 2003, p. 26).

Como resultado dessa inovação proporcionada pelo IBGE nota-se no Censo de 1940² um volume maior de informações que podem ser contabilizadas em sete modalidades: demográfico, agrícola, industrial, comercial, de serviços, de transportes e comunicações, e social. A tabela abaixo mostra um recorte sobre o quesito “religião”.

² Como já foi informado, o Censo de 1940 foi instituído como forma de adequação aos padrões internacionais e a contribuição da Geografia aos propósitos de coleta de dados populacionais. O censo refletiu os princípios nacionalistas que nortearam o contexto pós Estado Novo em identificar os perfis populacionais e as necessidades de investimentos nas políticas públicas nacionais.

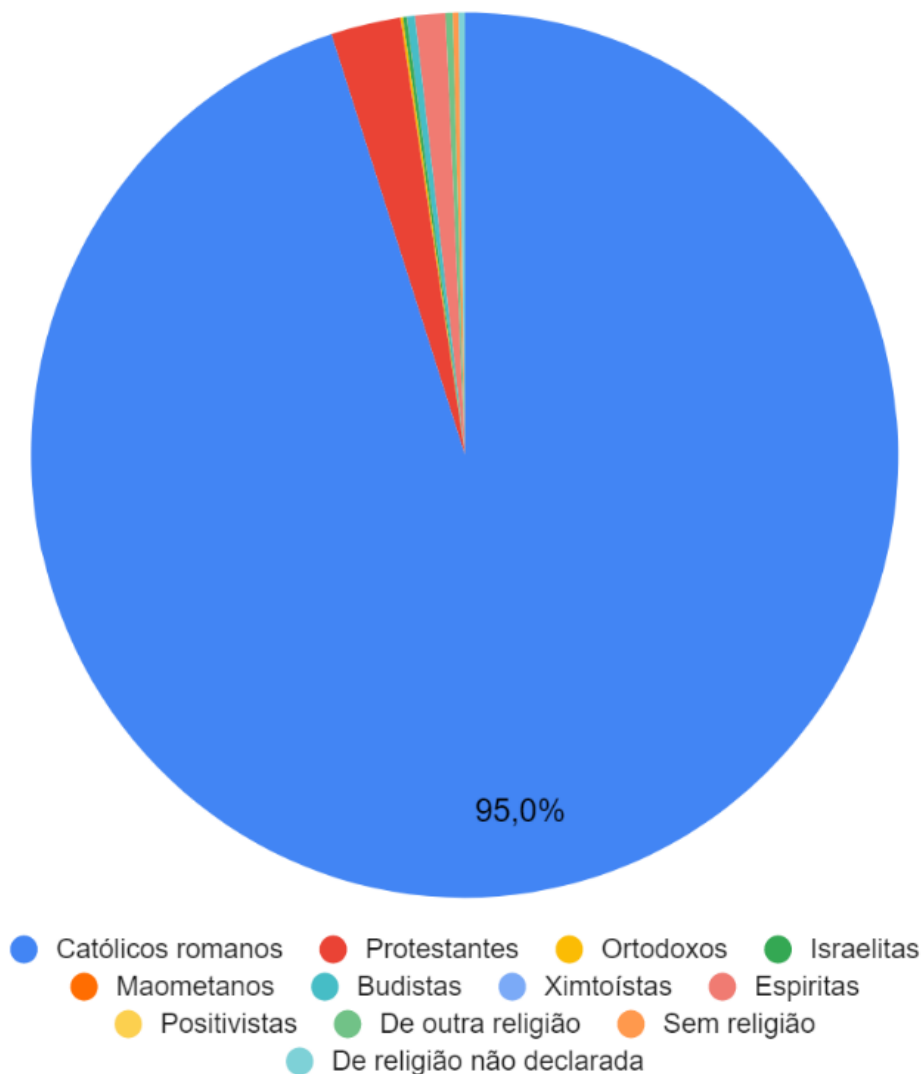
Tabela 1. Total dos declarantes no quesito religião no Censo de 1940.

CARACTERES E RESPECTIVAS MODALIDADES			
RELIGIÃO	Total	Homens	Mulheres
Católicos romanos	39.177.880	19.552.040	19.625.840
Protestantes	1.074.857	539.298	535.559
Ortodoxos	37.953	20.461	17.492
Israelitas	55.666	28.851	26.815
Maometanos	3.053	2.269	784
Budistas	123.353	66.544	56.809
Xintoístas	2.358	1.311	1.047
Espíritas	463.400	234.481	228.919
Positivistas	1.099	799	300
De outra religião	107.392	58.573	48.819
Sem religião	87.330	51.787	35.543
De religião não declarada	101.974	57.674	44.300

Fonte: Elaborada pelas autoras com base no Censo do IBGE de 1940. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=765&view=detalhes>. Acesso em: 10. Jun. 2022

Ao observar as opções acerca das religiões expostas no Censo supracitado é possível vislumbrar 12 modalidades que podem ser assinaladas pelos declarantes. Esse trabalho pretende dar ênfase a 4 modalidades, são elas: "Espíritas", "De outra religião", "De religião não declarante", "sem religião". A finalidade de observar tais quesitos é em função de entender sobre o possível sincretismo religioso que pode estar atrelado a essas opções.

Gráfico 1. Porcentagem geral dos declarantes no quesito religião de 1940.



Fonte: Elaborada pelas autoras com base no Censo do IBGE de 1940. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=765&view=detalhes>. Acesso em: 10. Jun. 2022

Todavia, é válido ressaltar o Catolicismo, que no total são 39.177.880 dos declarantes da categoria religião. Isso equivale a 95% de todos os que responderam às bases ibgeanas do ano de 1940. Nesse ponto questiona-se se existia a presença do sincrético entre os resultados. É válido falar das relações de inclusão de elementos de religiões de etnia africana no Catolicismo, como exemplo, o Congado “fruto desse legado cultural, os elementos presentes no ritual do Congado têm funções e performances “africanizadas” conforme as variações e diversidade dos grupos”

(SOUZA, 2018, p.190). Essas manifestações afro-brasileiras aconteciam em igrejas católicas, por exemplo, em formato de Missa Conga.³

Tabela 2. Declarantes por região do país no quesito religião no Censo de 1940.

Região	Total população	Religião	Números
Norte	1.462.420	Católicos	1.428.288
		Espíritas	3.744
		De outra religião	2.294
		Sem religião	1.136
		Não declarada	6.786
Nordeste	9.973.642	Católicos	9.864.174
		Espíritas	14.452
		De outra religião	5.197
		Sem religião	8.535
		Não declarada	7.144
Sudeste	15.625.953	Católicos	15.001.994
		Espíritas	197.305
		De outra religião	47.356
		Sem religião	23.300
		Não declarada	42.897
Sul	12.915.621	Católicos	11.682.125
		Espíritas	224.818
		De outra religião	49.120
		Sem religião	46.507
		Não declarada	49.522
Centro Oeste	1.258.679	Católicos	1.201.299
		Espíritas	2.381
		De outra religião	3.425
		Sem Religião	7.852
		Não Declarada	4.625

Fonte: Elaborada pelas autoras com base no Censo do IBGE de 1940. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=765&view=detalhes>. Acesso em: 10. Jun. 2022

A tabela acima foi realizada com base no Censo de 1940. Os dados remetem o recorte do trabalho no que tange às religiões. Ressalta-se que a perspectiva nacional é válida para compreender algumas características. No entanto, ao analisar cada região é possível compreender de forma mais

³ A Missa Conga tem a mesma estrutura do rito católico. A diferença básica está nas músicas cantadas pelas guardas e no toque do tambor. Os cantos são entoados alternadamente pelas duas guardas. Nessa cerimônia, a realeza negra ocupa a parte da frente da igreja e no momento do ofertório depositam os objetos sagrados do Reinado no altar como as coroas, bastões e espadas. Ao final da missa, os reis e rainhas são coroados (IEPHA, 2014, p. 68)

intrínseca algumas relações. A primeira seria novamente, a preponderância do Catolicismo. Utilizando o aparato da porcentagem, podemos observar a presença dos dados sobre Católicos: Região Norte (97%), Região Centro-Oeste (95%), Região Nordeste (98%), Região Sudeste (96%) e a Região Sul (90%). Entretanto, existe a viabilidade da vertente do catolicismo popular que surgiu no país. Pois, assim como descrito por Chahon (2014) existiu um catolicismo característico do Brasil permeado por relações sincréticas:

Haveria, assim, um catolicismo típico do “povo” brasileiro, associado às massas oprimidas espalhadas pelas camadas inferiores da sociedade. Fortemente marcado pela herança cultural indígena e africana, tal catolicismo se define por seus atributos de originalidade, autenticidade e resistência, por oposição a um catolicismo das elites brancas ou definidas enquanto tais, de origem predominantemente européia, mais identificado com a Igreja romana enquanto instituição (CHAHON, 2014, p.87).

Mesmo a região Sul que tem a menor porcentagem, ainda apresenta um valor alto. O próprio Censo alega que a região supracitada tinha a presença de depoentes italianos (30.511),⁴ portugueses (11.959), poloneses (10.238) e alemães (6.548). Essas nacionalidades em termos numéricos são as que mais se destacam em relação às 12.915.621 respostas totais. Assim, especula-se que a cultura europeia, sobretudo cristã católica, tenha influenciado essa região tendo em vista o número significativo de imigrantes. Essa teoria pode ser afirmada em estudos como o de (CARGNELUTTI; CARDOSO; COELHO, 2012) que mostram a influência estrangeira no Rio Grande do Sul. “A religião foi um dos elementos mais importantes no processo de enraizamento do imigrado em terras brasileiras” (ZANINI, 2006, p. 137 apud CARGNELUTTI; CARDOSO; COELHO, 2012, p. 4).

A região que compreende o Nordeste naquele período tem um fluxo migratório diminuto em relação ao Sul os dados são: Portugal (450), Itália (166) e Alemanha (105). Todavia, existem incursões religiosas voltadas para o Catolicismo como as missões religiosas de Frei Damião de Bozzano no Nordeste em 1940 que são demonstradas por Moura e Silva, (2020). Segundo os autores, o frei de origem italiana que participou da Ordem Capuchinha percorreu terras do que compreendia o Nordeste para disseminar a religião Católica. Todavia, em contrapelo, tem-se a presença de religiões de influência africana. Como exemplificado tem-se o Candomblé da Bahia. Bastide, (1961) em sua obra faz um estudo preciso sobre essa temática discorrendo sobre os cultos,

⁴ Números retirados do Censo de 1940 do IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=765&view=detalhes>. Acesso em: 10. Jun. 2022

entidades e estruturas da religião. Na obra, o autor cita, inclusive, essas manifestações religiosas na década de 1940.

Já no contexto da região que compreendia o Sudeste em 1940, nota-se um movimento em prol do Catolicismo, o que pode ser uma justificativa da porcentagem de 96% dos depoentes Católicos. Segundo Rosendahl, (2005) que se ancora na geografia cultural, “Das 79 dioceses e prelazias existentes até 1930, temos 53 criadas nas regiões Sudeste e Nordeste. Isto nos revela que 2/3 do total de dioceses e prelazias no Brasil, nesta época, estavam localizadas nas regiões NE e SE” (ROSENDAHL, 2005, p. 12939). Outro ponto seria, novamente, o fator imigração com o números de pessoas com nacionalidades predominantes de Portugal (12.764), Itália (9.290), Espanha (2.134) e Alemanha (1.315), ambos países que detinham a presença significativa do Catolicismo. Todavia, foi nessa região que segundo Morais, (2019) a Umbanda teria surgido. “Diferentes intérpretes apontam que essa religião surgiu nas primeiras décadas do século XX no Sudeste brasileiro” (MORAIS, 2019, p. 1625). Apesar de somente no Censo de 1964 a Umbanda ser inserida nas perguntas, no antecessor de 1940 observa-se, segundo Morais, (2019) a criação da União Espiritista de Umbanda do Brasil, (UEUB) no Rio de Janeiro.

Na região Norte, percebe-se uma participação forte do catolicismo popular. A Amazônia Ocidental (composta por Roraima, Rondônia, Acre e Amazonas) é um exemplo dessa prática religiosa.

“Ora, o termo catolicismo popular foi usado por muito tempo para descrever a prática religiosa, na atualidade muda-se de termo e passa a ser denominado de religiosidade popular. Vale ressaltar que na região amazônica, as práticas religiosas são voltadas para o modo de vida daquele determinado povo ribeirinho. Com isso, os festejos são uma forma de agradecimento ou pedido para que se tenha uma boa colheita ou pescaria durante o ano” (HOLANDA; SILVA, 2019, p.5).

Com isso, observa-se a devoção a santos que se relacionam com o cotidiano dos moradores da região. Logo, essa percepção católica pode aparecer nas respostas do Censo. No entanto, esse dito Catolicismo está atrelado a práticas populares. Dessa maneira, é possível perceber como "o catolicismo popular na Amazônia apresenta diferenciação em pequena escala de uma região para outra" (HOLANDA; SILVA, 2019, p.11). Logo, o processo de aculturação católica na Região Norte se mostrou muito presente e fortificada.

Na região Centro-Oeste, nota-se também uma tendência para o Catolicismo em uma perspectiva popular, ou seja, que se distingue do Católico Romano descrito no Censo. “O Centro-

Oeste Brasileiro é uma região onde a experiência religiosa tem raízes profundas na história e alma do povo” (MOREIRA; LEMOS; REIMER,2012, p.321). Segundo os autores essa região é permeada por características da religiosidade católica, muito em função do período colonial. Por outro lado, existem outras manifestações religiosas:

“Mas a região sempre foi marcada também por outros estilos de religiosidade. Desde a mística em torno da Marcha para Oeste e da construção de Brasília, a terra prometida das profecias de Dom Bosco, surgiu uma variedade enorme de movimentos religiosos em torno da nova capital: as comunidades hippies e alternativas da Chapada dos Veadeiros e em Pirenópolis, a impressionante comunidade esotérica do Vale do Amanhecer” (MOREIRA; LEMOS; REIMER,2012, p.321).

Depois desse panorama regional, observa-se junções sincréticas entre o catolicismo e o espiritismo, o que pode, de certo modo, refletir na porcentagem de “Católicos Romanos”. Visto que no Brasil observou-se uma identidade nomeada de “Espiritólico”. “O Espiritismo filia-se à tradição cristã e lhe dá continuidade [...] inaugurando uma espécie de Espiritismo à brasileira, e ainda que os próprios espíritas, em debates internos, refiram-se a um excesso de religiosismo espiritólico” (PEREIRA,2007, p.22).

Os "Espíritas" são 463.400 mil dos declarantes, a quantidade equivale aproximadamente a 1,12% do total no Brasil nesta categoria. Esse volume no que toca a regionalização se apresenta da seguinte forma: Norte 0,2 %, Nordeste, 0,1%, Sudeste: 1,2%, Sul 1,7% e Centro Oeste: 1,8%: Os números, notadamente, são baixos mas poderiam na realidade serem maiores tendo em vista a possibilidade sincrética com o catolicismo citada por Pereira (2007) ao longo de suas análises. Assim, observa-se que os “espíritas” surgiram no Brasil em meados do século XX, trazendo as características próprias da doutrina, mas, que também passaram pelo processo sincrético no Brasil. De acordo com Ribeiro (2012), o Espiritismo não encontrou muita resistência para chegar ao Brasil. Por tratar de um tema que sempre esteve no imaginário popular (forças sobrenaturais, almas), o processo de sincretismo com o Kardecismo foi bem forte, embora seja uma crença recente em território brasileiro. Houve grande mistura de elementos com o Candomblé e algumas correntes do protestantismo.

Por conseguinte, depois de analisar as possibilidades sincréticas dentro do Catolicismo a análise prossegue baseada nas categorias que não definiam uma religião específica. Pode-se observar indivíduos que indicam ser “de outra religião” que foram 107.392 mil depoentes que corresponde a 0,2%. Além disso, essa categoria demonstra aqueles que não se enquadram nas religiões enumeradas no Censo que, no que lhe concerne, já tinham as alternativas pré-definidas de

religião para que o entrevistado questionado assinalasse. Com base nisso, existe a possibilidade de que, nessa modalidade, religiões sincréticas estejam presentes. Isso em função da existência de religiões que não estavam listadas. Essa possibilidade se reforça devido a presença das imagens exploradas neste artigo que mostram manifestações religiosas do Candomblé e Umbanda, ambas não dispostas como opção no Censo de 1940.

Ademais, observamos a opção “De religião não declarante” que equivale a 101.974 mil dos declarantes. Uma das possíveis causas das abstenções seria a perseguição religiosa do próprio Estado, pois, segundo o Código Penal de 1940 no Artigo 284,⁵ o curandeirismo é prescrito como crime. Essa punição em nível constitucional poderia, desse modo, possibilitar a anulação do posicionamento religioso. Do mesmo modo, devido à repressão descrita acima, postula-se que o tópico “sem religião” que representa o valor de 87330 depoentes, tenha pessoas que por medo da represália assinalam não participar de nenhuma religião. Na Bahia, por exemplo, segundo Bastide (1961) o Candomblé sofreu diversas represálias “[...] os chefes do culto, que muitas das vezes tiveram de sofrer perseguições policiais, hesitam sobre os limites do segredo” (BASTIDE, 1961, p. 13). O que, de certa maneira, pode ser a causa dos depoentes absterem a resposta sobre religião.

4. Sincretismo religioso

A definição de sincretismo é, em grande medida, ampla. “Sincretismo pode ser definido como um tipo de articulação na qual os elementos se engajam numa relação dialógica dentro de um mesmo campo discursivo ou entre campos discursivos diferentes” (GATTI, 2016, p.64). Logo, essa definição pode abranger o campo político, social e religioso. Segundo Gatti (2016), a palavra sincretismo tem seu surgimento na Grécia Antiga.

Foi provavelmente baseada em *sugkretos* (forma jônica de *sugkratos*, “misturado junto”) e foi explicada pela etimologia popular ou pelo próprio Plutarco⁶ como referência ao comportamento dos cretenses que, apesar de sua discórdia habitual, se tornavam unidos frente a um inimigo comum (COLPE, 1987, p.218 apud GATTI, 2016, p.65).

Essa definição acoplada ao político, como da Grécia, se verticalizou no contexto medieval. “Foi só na Idade Média que este conceito de sincretismo geopolítico se tornou

⁵ Artigo 284: Exercer o curandeirismo: I - prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância; II - usando gestos, palavras ou qualquer outro meio; III - fazendo diagnósticos: Pena - detenção, de seis meses a dois anos. Parágrafo único - Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito à multa (CÓDIGO PENAL, 1940).

⁶ Plutarco era grego, nascido pouco antes de 50 d.C. viajou pela Grécia, Egito e Roma buscando aperfeiçoar conhecimentos já adquiridos desde a juventude. Adquiriu cidadania romana e conviveu com homens intelectuais e políticos (BOVKALOVSKI; LIMA; PIRES, p.98)

essencialmente religioso, quando a Igreja Católica conclamou alianças momentâneas entre diferentes grupos com interpretações divergentes da religião cristã em risco de heresia” (SILVA, 2017 N.P).

Dessa forma, o sincretismo pode ser observado em diferentes cenários e localizações. No contexto brasileiro, é possível relacionar uma característica sincrética voltada para a religião, assim como na Idade Média. Todavia, nota-se que desde o período colonial o Catolicismo foi imposto. “Sabe-se como o catolicismo foi identificado juridicamente com a entidade Brasil, desde o início da colonização pelas autoridades políticas, que necessitavam de um cimento social para o empreendimento colonial” (SANCHIS, 1997, p. 29).

Logo, é notória a expressiva presença do catolicismo. No entanto, pode-se perceber manifestações religiosas que fogem do modelo cristão Católico Romano. Algumas fontes que foram utilizadas nesta pesquisa apresentam tal sincretismo, como a Revista Reformador, que possuía o Espiritismo Cristão como base ideológica. Além das fotografias que representavam o contexto da composição sincrética de cultos de matriz africana. Logo, percebe-se que no que tange o sincretismo existe uma amplitude de significados e vertentes. Entretanto é importante afirmar que a realidade sincrética não é algo sintetizado no sentido de ser apenas uma "junção". Diante desse processo de construção das religiões com traços estruturais característicos, “não se trata mais, pois - pelo menos diretamente - de identificar o sincretismo como uma forma de confusão ou mistura de "naturezas" substantivas” (SANCHIS, 1994, p. 7).

Não obstante, ao analisar o sincretismo vigente em 1940, enfatiza-se que a religião se mostra muito além de um olhar sobre a “mistura” cultural, mas apresenta uma estruturação em que é possível perceber como uma sociedade não laica, baseada no Catolicismo, se relacionava com outras tantas formas de fé. Nas lacunas do Censo, nota-se que existem outras religiões que podem apresentar traços sincréticos. A partir disso, a observação do Censo se tornou mais clara para a análise da divisão classificatória realizada pelo IBGE e as formas de se representar religiões e cultos que eram julgados como incorretos e impuros.

A maioria dos estudos sobre sincretismo realizados entre nós nos anos quarenta e cinquenta, apresentavam quadros comparativos da identificação de sincretismos entre santos e orixás em diferentes regiões do Brasil e nas Américas. Apresentavam também esquemas comparativos tipo: “jeje-nagô-muçulmi-banto-católico-espírita”⁷, etc. Estes quadros e esquemas, largamente utilizados por estudiosos no

⁷ O autor Arthur Ramos (1940, p.168) apresenta em seu livro “O Negro Brasileiro” o sincretismo presente na tradição “gegê-nagô” (cultos de origem sudanesa e povos bantu de Angola e Congo). Dessa forma, o autor prossegue: “ Os

passado, cedo se esgotaram e saíram de moda, uma vez que de fato explicavam pouco e de forma esquematizada, sem penetrar mais a fundo a complexidade do problema. Serviam principalmente para tentar identificar o que se considerava a procedência e o funcionamento exterior do sincretismo afro-católico entre santos e orixás (FERRETI, 2007, p. 187).

Vale ressaltar que o Brasil é um país multicultural, em que as junções sincréticas foram acontecendo ao longo do tempo. Isso não quer dizer que aconteceram de forma amena. Muitas junções de traços religiosos aconteceram para que as religiões proibidas permanecessem. Todavia, nesse processo de convergência de crenças novas religiões e ritos surgiram. Segundo Ferretti (2007) o sincretismo é também uma reinvenção de significados e denota a circularidade de culturas. Logo, é possível através de aparatos da História Cultural compreender características do país no que abordam o contexto religioso e social na perspectiva sincrética. Portanto, essa pesquisa se apoia na ideia de que o sincretismo é um processo que abrange o âmbito político e sociocultural. Com isso, pode ser destacada a ideia de Pierre Sanchis que o sincretismo é “um universal dos grupos humanos quando em contato com outros” (SANCHIS, 1994, p. 7). Sobretudo, é de suma importância problematizar essas relações no aspecto das religiões afro-brasileiras, no sentido de entender que elas aconteceram devido uma imposição do Estado e da sociedade que hostilizavam modelos religiosos diferentes dos cristãos.

4.1 O Espiritismo e sua vertente brasileira

Existem controvérsias acerca da chegada do Espiritismo no território brasileiro, é válido ressaltar, de antemão, as possibilidades de início das práticas antes mesmo da chegada às terras Tupiniquins. A obra *As Mesas Girantes e o Espiritismo* escrita por Zêus Wantuil, um pesquisador da história espírita que, por sua vez, já escreveu artigos na revista de Doutrina Espírita *O reformador* e tem alguns apontamentos contundentes aos primórdios da doutrina. Segundo o autor, já em meados do século XIX deu-se início às suas investigações no campo da fenomenologia espiritualista, principalmente nos fenômenos das mesas girantes, tornou-se uma febre nos Estados Unidos, Europa e servia como diversão nos salões da alta sociedade.

Embora seja praticamente impossível determinar a data de início da história do Espiritismo, convencionou-se que o ano de 1848 constitui seu ponto de partida. Essa data é citada por Arthur Conan Doyle e é aceita pela Federação Espírita Brasileira. A 31 de março, na casa da família Fox, na aldeia de Hydesville, condado de Wayne, Estado de Nova York, nos Estados Unidos da América do Norte, ruídos insólitos surgiram de maneira ostensiva e uma série de fenômenos

vários cultos africanos se amalgamaram a princípio entre si, e depois com as religiões brancas: o catolicismo e o espiritismo.” (RAMOS, 1940, p. 168). Dessa forma, a denominação “jeje-nagô-muçulmi-banto-católico-espírita” faz referência a um dos sincretismos crescentes no Brasil, com a junção de diferentes crenças e cultos.

chamou a atenção da sociedade da época [...] A partir destes eventos, por todos os Estados Unidos, e posteriormente na Europa, espalhou-se a febre das evocações dos chamados espíritos batedores (DOYLE, 2013, p. 228 apud BARROS).

Com base nisso, práticas espíritas tiveram início na Europa em meados do século XIX, sobretudo, com a divulgação da obra *Le Livre Des Esprits* de Allan Kardec. “Bastará lembrar a voga a qual gozou até o fim do século, a fama dos médiuns europeus, a caução de cientistas e homens de letras famosos” (VOVELLE, 2010, pág. 265). Todavia, há controvérsias se o Espiritismo era considerado uma religião ou uma doutrina voltada para a filosofia e a ciência “a posição de Kardec ainda não foi compreendida pela maioria e uma das provas disso está no debate ainda atual se o Espiritismo é ou não é religião.” (INCONTRI, 2004 p. 84 apud NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2012, p.1453). Conseguimos observar uma faceta do posicionamento de Kardec em:

(...) Seu verdadeiro caráter, pois, é o de uma ciência, e não de uma religião; e a prova disso é que conta entre seus adeptos homens de todas as crenças, que não renunciaram por isso às suas convicções: católicos fervorosos que não praticam menos todos os deveres de seu culto, quando não são repelidos pela Igreja, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos, e até budistas e brâmanes (KARDEC, 1997, p. 90 apud NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2012, p.1452).

A tradução do livro de Allan Kardec chegou no Brasil em 1863 com o nome O Espiritismo em sua mais simples expressão, naquele contexto o país era oficialmente católico.

Nesse momento surge a vertente espírita brasileira em que perde um pouco do viés científico e ganha um caráter mais religioso e com essa ressignificação menos metódica e um dos principais divulgadores do espiritismo no Brasil, nesse primeiro momento, foi o baiano Luiz Olympio, que por receio a possíveis represálias por parte da igreja se afirmava católico apostólico romano e que, com o Espiritismo, buscava apenas defender os preceitos cristãos (FERNANDES, 2002 apud NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2012, p.1459).

O processo de adequação do Espiritismo pode ser percebido como uma adaptação ao contexto brasileiro daquele momento, em que o Catolicismo se mantinha como a religião oficial e consolidava muitas das normas sociais do país. O sincretismo para a manutenção do Espiritismo brasileiro se mostrou presente em sua forma de se manter naquele contexto utilizando-se de características cristãs.

Como o Islamismo na Indonésia, o Espiritismo é uma religião importada, que se difunde no país confrontando-se com uma cultura religiosa já consolidada, hegemônica e, portanto, conformadora do ethos nacional. Sua difusão, como postulam certos autores, foi em parte favorecida pelo fato das práticas mediúnicas já estarem socialmente disseminadas, de longa data, no âmbito das religiões de tradição afro. No entanto, em contraposição a estas o Espiritismo define sua identidade, elegendo sinais diacríticos elementos do universo católico

[...] O Espiritismo brasileiro assume um “matiz perceptivelmente católico” na medida em que incorpora à sua prática um dos valores centrais da cultura religiosa ocidental: a noção cristã de santidade (STOLL, 2003, 61 *apud* FERREIRA, 2008, p. 69).

O Espiritismo, assim como outras formas de expressão, passou pelo processo de se enquadrar em um novo contexto, pois “não havia como o Espiritismo chegar ao Brasil e manter-se, em meio à outra cultura, tal qual era a França. Então sofre um processo de adaptação cultural” (FERREIRA, 2008, p.70). As ressignificações dizem respeito a um amplo processo que envolve cultura/política de maneira a externar aquilo que vem de outra região, mas que interage com aspectos vistos em âmbito nacional. Dessa forma, o Espiritismo brasileiro se enquadra como parte de um sincretismo religioso, que aborda todo esse contexto e se torna uma nova perspectiva doutrinária.

De acordo com Giumbelli (2003) desde a década de 1920, e, paulatinamente, até a década 1940, observa-se um processo de afunilamento das repressões contra o “baixo espiritismo”. “A partir de 1941, a chefatura de polícia expediu uma série de portarias, revogadas apenas em 1945, que estipulam diversas exigências para o funcionamento de “centros espíritas”, mantendo sob a jurisdição policial a fiscalização do exercício da medicina” (GIUMBELLI, 2003 p.256). Em vista disso, o posicionamento daqueles que seguiam o Espiritismo foi o de tentar legitimar as práticas de assistencialismo. A Federação Espírita Brasileira “diante de algumas agências estatais preocupadas com o cadastramento e o estímulo de iniciativas assistenciais de caráter privado, as atividades da FEB adquiriam outra legitimidade, derivada do auxílio que poderiam significar para a assistência pública” (GIUMBELLI, 2003 p. 268).

Observa-se uma relação de seções que abordam a concepção da doutrina Espírita com o enraizamento do cristianismo o que pode ser, em grande medida, uma característica particular do Espiritismo brasileiro. “Numa analogia com o Catolicismo, com o intuito de buscar legitimidade para as práticas espíritas, a defesa considerou que ao evocar espíritos superiores para curar enfermos, o espírita estaria procedendo como um sacerdote Católico, que também invoca cura para os santos ou à Virgem Maria” (GOMES,2013, p.8).

Inicialmente, observa-se a criação do periódico para transcrever as ideias e teorias filosóficas acerca das concepções espíritas. Mas, no decorrer das represálias que a doutrina sofreu, sobretudo em 1940, observa-se uma tendência de protesto e divulgação de abusos.

Criou no Reformador uma coluna inicialmente intitulada “Processo de Espírita”. Esta coluna relatava a perseguição e o desrespeito à falta de liberdade de consciência que os espíritas estivessem vivenciando, sobretudo, aos que estivessem envolvidos em processos criminais. Ao relatar os casos, o Reformador já dava o desfecho dos processos. Em muitos casos, as discussões perpassavam por várias edições do periódico. Os nomes dos espíritas processados, geralmente, eram omitidos pela revista sob a alegação de proteção (GOMES, 2013, p.5).

Segundo Gomes (2013) O periódico O Reformador passou a ser um local de abertura para o movimento espírita que passava por uma perseguição intensa naquele contexto. É válido observar que o termo “Espiritismo Cristão” é colocado em pauta pelo fato de algumas ideologias cristãs estarem inseridas em dogmas espíritas.

O Espiritismo não é só mais um movimento neófito. Mas se apresenta como herdeiro da filosofia cristã, bem como um movimento profético de retorno às origens. Abre-se ao diálogo com as ciências, mas retoma a centralidade do amor-caridade, reinterpretando o pentecostes e potencializando a mediunidade como mecanismo de instrução e consolo, no contato com a falange dos Espíritos Santos (PEREIRA, 2007, p.17).

O contexto da revista representa o que pretendemos analisar quanto ao sincretismo, tendo em vista a junção cristã e espírita e análise de como suas reinterpretações ocorrem no sincretismo religioso.

4.2 As representações de fé no Candomblé

Dentro do aspecto representativo, uma das grandes características vem das religiões de matriz africana, visto que diversas delas utilizam de imagens de santos Católicos como uma forma de apresentar os Orixás.

É necessário compreender que as representações dos Orixás se modificam de região para região e entre as religiões, como a Umbanda e o Candomblé, em grande medida, pela grande diversidade do panteão dos Orixás. Abaixo seguem duas fotos, tiradas em 1940, que foram utilizadas no livro *O Negro Brasileiro* de Arthur Ramos para demonstrar como o sincretismo se deu dentro do Candomblé.

Imagem 2. O sincretismo religioso “gêge-nagô-bantu-católico” (candomblés da Bahia) - Autor Arthur Ramos, 1940.



Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss980900/mss980900.html. Acesso em: 24.mar.2022.

A imagem acima foi retratada na Bahia em 1940 e observa-se a presença de um altar com elementos de algumas nações do Candomblé como descritos na imagem como “gêge-nagô-bantu-católico”.

Esses elementos do sistema - crença, modo de adoração e língua - estão de tal maneira estruturalmente associados que, na Bahia, um dos critérios de

caracterização marcante na divisão dos cambomblés em "nações" que se denominam de jeje, nagô, queto, ijexá, congo e angola, está nas diferenças de procedências meramente formais de um repertório linguístico de origem africana específico das cerimônias ritualísticas dos cultos em geral: fon ou jeje; iorubá ou nagô, queto, ijexá; banto ou congo, angola (CASTRO; CASTRO,1980, p.28).

No entanto, é válido ressaltar que não existem apenas elementos unicamente representativos do panteão africano, mas também imagens que remetem simbologias cristãs como o crucifixo, além disso, a terceira imagem do canto esquerdo e a segunda do canto direito demonstram imagens de duas santas. Logo, a representação imagética e a adoração de santos são características marcantes do Catolicismo e que nesse caso se atrelaram as vertentes do Candomblé da Bahia.

Imagem 3. “Gegê” de São Jorge - Oxóssi (Candomblés da Bahia) - Autor: Arthur Ramos, 1940.



Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss980905/mss980905.html. Acesso em: 24. mar. 2022.

A imagem acima denota um indício de sincretismo. Logo na descrição observa-se o nome “Gegê de São Jorge e Oxóssi” e ao observar o centro do altar nota-se a figura de São Jorge em cima de um cavalo que, em uma das vertentes do Candomblé, é representado como Oxóssi. Para além, observamos no canto esquerdo a figura de São Francisco, com sua típica roupa marrom, que também, em algumas linhas do Candomblé, pode ser atrelado ao Orixá Xangô. Além disso, vale ressaltar duas imagens que remetem a figuras de santas que, devido à qualidade da foto, não permite ter clareza de suas representações, mas, nota-se que fazem referência também às imagens católicas. Dessa forma, percebe-se como o sincretismo, através das características, se torna um aspecto de grande importância dentro dos “Candomblés”, em que as culturas advindas das nações africanas se juntaram com elementos Católicos dando ênfase em uma miscigenação religiosa.

4.2.1 Umbanda e suas representações

Imagem 4. Zélio Fernandino de Moraes (Rio de Janeiro).



Fonte: TOBIAS, Luana de Oliveira. A Umbanda como nova religião no século XX, 2016. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwif->

[Pfy7KP4AhVUrZUCHZehANcQFnoECAQQAQ&url=https%3A%2F%2Ffunisagrado.edu.br%2Fcusto](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwif-Pfy7KP4AhVUrZUCHZehANcQFnoECAQQAQ&url=https%3A%2F%2Ffunisagrado.edu.br%2Fcusto)
[m%2F2008%2Fuploads%2Ffanais%2Fhistoria_2016%2FA_umbanda_como_nova_religiao_Luana_Tobia](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwif-Pfy7KP4AhVUrZUCHZehANcQFnoECAQQAQ&url=https%3A%2F%2Ffunisagrado.edu.br%2Fcusto)
[s.pdf&usg=AOvVaw3uBIYcGmtLgcmBYI_VZM6Q](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwif-Pfy7KP4AhVUrZUCHZehANcQFnoECAQQAQ&url=https%3A%2F%2Ffunisagrado.edu.br%2Fcusto) . Acesso em: 03 abr. 2021.

A imagem acima retrata Zélio Fernandino de Moraes, nascido em 10 de abril de 1891 na cidade de São Gonçalo no Rio de Janeiro. Zélio é considerado o principal médium fundador da Umbanda no Brasil, apesar de alguns seguidores da religião não concordarem com este ideal, alegando que Zélio foi apenas responsável pelo “embranquecimento” da Umbanda.

A foto retratada apresenta Zélio Fernandino em seu encontro com o presidente José de Souza e sua diretoria da Federação Espírita de Niterói na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, em 15 de novembro de 1908. Durante a sessão kardecista, “espíritos de caboclos (ancestrais indígenas brasileiros) e pretos velhos (escravos africanos) começaram a se manifestar através do jovem.” (GALEANO, 2021).

O encontro se tornou de suma importância para a introdução da nova doutrina, tendo em vista que “o dirigente se manifestou, pedindo que os espíritos ‘atrasados’ se retirassem. Zélio foi novamente incorporado por uma entidade, dizendo: “Se não houvesse ali espaço para espíritos de negros e índios cumprirem sua missão, ele (espírito) fundaria, já no dia seguinte, um novo culto na casa de Zélio”, complementando que era o “Caboclo das Sete Encruzilhadas” (GALEANO, 2021).

Logo, de acordo com Tobias (2016), no dia 16 de novembro de 1908, Zélio de Moraes sentiu a presença do Caboclo das Sete Encruzilhadas e teve sua incorporação, que a partir disso, conduziu todo o processo de Fundação da Umbanda, mostrando quais caminhos deveriam seguir e como deveria ser o funcionamento das práticas da nova religião. A partir desse momento, outros centros umbandistas começaram a emergir e a religião começa a aparecer exponencialmente. Assim como o Candomblé, a Umbanda possui um processo sincrético muito presente por ser uma religião brasileira que associa elementos de diversas religiões.

A Umbanda é aqui compreendida como uma religião brasileira, que associa elementos das religiosidades católica, africana, indígena, espírita e esotérica. Assim, encontramos em seus templos e práticas, elementos extraídos de diferentes culturas religiosas como o contato com espíritos de pessoas por meio da incorporação em atividades mediúnicas, o culto aos orixás e o sincretismo com os santos católicos, entre outras (DA COSTA; PASSOS, 2018, p. 113).

Dentro desse aspecto, vale ressaltar que existem diversas configurações em que a Umbanda pode aparecer, como “Umbanda Tradicional, Umbanda Popular, Umbanda Branca, Umbanda Sagrada, Umbanda Omolocô etc” (DA COSTA; PASSOS, 2018, p. 114). Ou seja, os templos umbandistas podem possuir diferentes formas de se apresentar e organizar. A partir dessa análise, é mais palatável compreender como o sincretismo através das imagens se dá de uma forma tão presente através dessas diferentes configurações.

Na foto acima é possível perceber no altar apresentado a referência a alguns santos e representações católicas, como no centro que se tem a imagem de Jesus que sincretiza com o Orixá Oxalá, e, logo na esquerda, é possível observar a figura de São Sebastião que pode ser representado por Oxóssi que, por sua vez, é uma divindade com características indígenas. Oxóssi possui sua apresentação imagética como um caçador das matas, possuindo sempre seu arco e flecha, esse aspecto mostra-se de grande relevância tendo em vista que esse Orixá é manifestado pelos caboclos. Logo torna-se importante destacar que “Linhas e falanges constituem divisões que agrupam as entidades de acordo com afinidades intelectuais e morais, origem étnica e, principalmente, segundo o estágio de evolução espiritual em que se encontram, no astral” (MAGNANI, 1991, p.33 apud SOUSA, s.d, p.3).

Os indígenas representados na Umbanda possuem várias nações, não sendo específicos de apenas uma região. Várias são as identidades desses povos, assim como a língua falada pelos caboclos pode variar do Tupi-Guarani à outras linguagens não conhecidas, como pode ser observado:

[...] chegou dentro do kardecismo e eles [kardecistas] não aceitaram! Deste modo, o Caboclo Sete Encruzilhadas ordenou que juntassem um povo e fizessem a Umbanda e ela começou só na palma da mão, sem tambores. O tambor foi adaptado da Nação Afro. Era só na palma da mão e todo mundo vestido de branquinho. E começou a chegar os caboclos, índios, nesta religião. Eles chegavam um pouco crus, uns falando Tupi-guarani ou com linguagens que ninguém entendia. Com o passar do tempo, os índios foram se lapidando e conseguiram se entrosar e serem entendidos, mas o Sete Encruzilhadas, como Caboclo chefe, entendia tudo (Entrevista com Paulo d'Ogum, Mostardas, 7 de dezembro de 2012 apud RAMOS, 2019, p.322).

Dessa forma também se pode ampliar as possibilidades do sincretismo, neste caso, em um viés indígena em que ocorre o culto aos caboclos e o uso de diversas ervas que também são utilizadas por diversos povos indígenas brasileiros.

Contudo, esses são alguns exemplos que podem ser observados através de fontes imagéticas dentro da noção sincrética umbandista, que, mais uma vez, mostra como a diversidade cultural do Brasil criou aspectos próprios com um sincretismo.

4.2.3 Congado e a propagação da fé através do sincretismo

O Congado, Congo ou Congada, pode ser denominado como uma festa de cunho religioso em que tem como ritualística uma ressignificação de diversas nações africanas em que observa-se traços da cultura de povos africanos com elementos Católicos.

O Congado consiste numa festa maior que reúne as diferentes nações africanas representadas pelos diferentes grupos e apresenta uma hierarquia e organização social própria, um espaço religioso em que se congrega santos católicos e entidades africanas dentro de um sistema ritualístico e simbólico, extremamente complexo e fascinante. No entanto, embora se tenha elementos católicos, esses elementos foram traduzidos e ressignificados conforme a visão de mundo bantófona, ocorrendo uma “justaposição” entre culturas, uma correlação s3gnica e c3nica de cosmologias distintas que engendram um di3logo estrat3gico da dupla signific3ncia (MARTINS, 1997; 2001; SOUZA, 2012 apud SOUZA, p.193, 2018).

De acordo com (SOUZA, 2018), a poss3vel origem do Congado 3 advinda da cultura dos povos Bantu, que demonstram as suas primeiras atividades no per3odo colonial do Brasil entre 1711 e 1760. E foram observadas no Brasil e em outros lugares da Am3rica Latina, onde desembarcaram boa parte dos povos Bantu oriundos das prov3ncias de Ngola (Angola) e do Kongo (Congo), Costa do Golfo da Guin3, Mo3ambique e Zimb3bue. “Entretanto, a incid3ncia dessa festa se enraizou principalmente nos estados brasileiros de Minas Gerais, Esp3rito Santo, Goi3s e S3o Paulo, por vezes vinculada 3s irmandades negras e aos quilombos” (SOUZA, 2018, p. 188).

Utilizando-se de objetos de percuss3o, juntamente com a dan3a e o canto, os congadeiros mostram uma associa3o com santos Cat3licos, mem3ria e ritos africanos. Atrav3s de prociss3o com a presen3a do rei e da rainha do congo, perpassa pelas ruas e visita 3s igrejas e templos cat3licos, a festa e a f3 s3o disseminadas. “Sob o comando do Capit3o, equivalente ao mestre de capoeira, o terno (grupo) de Congada com vestimentas pr3prias expressa-se na dan3a, cantos e percuss3o o culto aos ancestrais [...]” (SILVA, 2010 apud SOUZA, 2012 p.27) . Esses ancestrais s3o classificados como “Hierarquia Superior” que 3 “o sagrado respeito aos mortos para n3o decepar o cord3o umbilical que os liga espiritualmente 3 vida por toda a eternidade. Culto aos Reis Rainhas e Anci3os; assim os congadeiros reverenciam com seus ritmos alegres, todos os ancestrais” (BRASILEIRO, p. 13).

Imagem 5. Congada: [vista parcial da cidade]: Atibaia, SP, [19-].



Fonte: Catálogo digital do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=448143> . Acesso em: 24. mar. 2022.

No que tange às regiões que mais tem a presença do Congado, podemos ver a de São Paulo e a (Figura 5) mostra a festa acontecendo no século XX no município de Atibaia. É possível observar uma guarda de Congo na centralidade da imagem, nesta cidade a Congada ocorre na Paróquia de São João Batista.

Observando os aspectos expostos, veem-se duas perspectivas multifacetadas de resistência cultural presente no Congado, sobretudo, que mostra a atuação da população africana e seus descendentes que aqui adaptaram a sua cultura à tradição. Como exemplificação, é válido apontar a coroação dos reis como alusão a um retorno às origens com suas formas de organização social e ritual. Assim, podemos observar também um viés da ressignificação da religião e cultura através da devoção dos santos católicos nos cortejos, se aproximando do Catolicismo, mas com suas essências fundadas nas ritualísticas ancestrais.

Considerações finais

O sincretismo é um assunto gerador de diversos questionamentos e análises que instituem debates em torno das motivações que levam uma religião ou doutrina a usar do método sincrético em tantas dimensões dentro de suas crenças. A partir das análises realizadas, nota-se como existem duas vertentes que fazem com que o sincretismo seja um mobilizador das religiões até então pautadas.

A primeira seria uma posição de defesa, sobretudo das religiões de matriz africana, para assegurar a fé e as ritualísticas pautadas na ancestralidade construída no continente africano. Logo, utilizou-se o aparato sincrético, como exemplificação, associar a figura de orixás com santos Católicos de modo que a fé tradicional não seja perdida. Todavia, a segunda concepção seria a do sincretismo como uma ressignificação de algumas características da fé católica e através da prática de acrescentar esses elementos tanto na crença como nos ritos, como é o caso das procissões do Congado que carregam figuras de santos Católicos, o Espiritismo denominado cristão e o Candomblé da Bahia, ambos adicionaram elementos Católicos. Nesse aspecto, foi importante observar o Censo de 1940 no quesito “Religião”, pois, foi a partir dele que foram desenvolvidos os gráficos e tabelas que elucidaram a possibilidade sincrética.

Ao observar os dados levantados nota-se que entre os declarantes existe um grande número de Católicos, em um contexto em que várias manifestações religiosas passaram por um processo sincrético. Podemos perceber isso ao analisar a festa da Congada ou Congado que, através de sua ritualística, utiliza-se de devoção a santos Católicos atrelados à ancestralidade africana de boa parte do povo Bantu, em que se tem a tradição de homenagear os ancestrais e a tradição de coroação do rei e da rainha. Tal manifestação mostra uma possível hipótese do grupo “Católico” obter características sincréticas.

Em virtude do que foi mencionado ao longo do trabalho, podemos observar o tópico Espiritismo e perceber sua adaptação em território brasileiro, tendo em vista que o Kardecismo, como foi concebido na Europa, ao chegar no Brasil passou por ressignificações. Como exemplo, observa-se o Revisto Reformador citada no artigo que mostra o Espiritismo Cristão. Uma modalidade resinificada no Brasil. A partir do Espiritismo, é possível analisar como as religiões de matriz africana podem ter sido enquadradas como uma subdivisão do mesmo, mas em um viés negativo. Essa característica representa como a visão sobre o “baixo espiritismo” pode ter causado tais classificações do Censo, baseadas em um consenso pautado por um país sem laicidade. Sendo assim, os grupos como Candomblé e Umbanda, de uma forma hipotética, podem ter sido

classificados como parte do grupo mencionado como “Espíritas” pelo Censo. Outras separações, como o grupo “De outra religião” e “Religião não declarada” apresentam uma característica que se faz pensar como existia uma anulação das religiões de matriz africana e também receio, por parte dos fiéis, declararem a qual grupo de crenças pertenciam.

A riqueza dos dados nos indica a possibilidade de ver através dela, problematizando e questionando e, depois, confrontando com os dados qualitativos dos registros iconográficos. É no sentido da micro-história, ver através do conjunto demográfico, as características da população brasileiras capazes de desvelar comportamentos cotidianos e, principalmente, atitudes sociais e nacionais, carregadas por concepções de mundo e de preconceitos enraizados no Brasil.

Reflete sem dúvida o racismo estrutural que hoje é objeto de discussão dentro dos movimentos negros e dos estudiosos acadêmicos. Dá-nos pistas sobre como se disfarça esse preconceito e se relativiza a situação discriminatória nas políticas públicas nacionais e nos comportamentos sociais. Mas, quando destacamos os dados e os colocamos em confronto com as análises qualitativas é possível perceber que, no fundo e, de uma forma ou de outra, o preconceito e o racismo são indisfarçáveis.

Portanto, a multiculturalidade brasileira manifesta as particularidades da construção das religiões que se formam através do sincretismo velado, e características que trazem à tona a formação de um país múltiplo religioso. O ano de 1940 anunciou medidas de represálias aos cultos espíritas e de matriz africana conhecidos de forma pejorativa, como o curandeirismo. Em contrapartida, no mesmo ano, percebe-se a inserção do campo da religião no Censo a fim de conhecer as religiosidades da população brasileira. Logo, isso demonstra a ambiguidade e contraposição na estruturação de um país vasto no conceito étnico religioso.

Referências

AMORIM, Pedro Paulo. As tensões do campo espírita brasileiro em tempos de afirmação (Primeira metade do século XX). Tese (Doutorado em História Cultural) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/180916/348953.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 jun. 2022.

ARRIBAS, Célia da Graça. Kardecismo e Umbanda: duas religiões brasileiras. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 40, p. 466-470, jul/dez. 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/pdf/234>. Acesso em: 07 jun. 2022.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia (rito nagô)**. Brasileira, 1961.

BARROS, Brasil Fernandes de. Fé Inabalável e Razão: O significado de religião para Allan Kardec. **Interações**, Belo Horizonte, v. 14, n. 25, p. 227-247, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/18214>. Acesso em: 10. nov. 2021.

BARROS, José D' Assunção. **Fontes Históricas: Introdução ao seus usos historiográficos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

BARROS, Assunção. Teoria da História: Princípios e conceitos fundamentais. Petrópolis: **Editora Vozes**, 2011. (V.1, V. III e V. IV)

BOVKALOVSKI, Etiane Caloy; LIMA, Adriana Mocelim de Souza; PIRES, Kassia Amariz. A vida de Júlio César sob a visão de Plutarco e Suetônio (Século I D.C.). **Nearco: Revista Eletrônica de Antiguidade**, p. 97-111. <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjht6L50Jv4AhWiCbKGHAMCAzEQFnoECAsQAw&url=http%3A%2F%2Fwww.neauerj.com%2FNearco%2Farquivos%2Fnumero12%2F97-111.pdf&usg=AOvVaw2-3vsgzS0-JDRQJ5pnEYGD>. Acesso em: 07 jun. 2022

BRASIL. Código Penal. Decreto-Lei Nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940.

BRASILEIRO, Jeremias. **Congadas de Minas Gerais**. Brasília: **Fundação Cultural Palmares**, 2001.

CARGNELUTTI, Janine; CARDOSO, Paula; COELHO, Eva Regina Barbosa. A religiosidade como fator de preservação da cultura italiana no município de Ivorá/RS. Anais do VII Seminário de pesquisa em turismo do Mercosul. Universidade de Caxias do Sul, 2012. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/a_religiosidade_como_fator.pdf. Acesso em: 26. Jun.2022.

CHAHON, Sergio. Visões da religiosidade católica no Brasil Colonial. **Revista Digital Simonsen**. Rio de Janeiro, n.1, Dez. 2014. Disponível em: www.simonsen.br/revistasimonsen. Acesso em 24. Jun. 2022

DA COSTA, Mozart Alberto Bonazzi; PASSOS, Maria José Spiteri Tavoraro. Entre Santos e Orixás: A imaginária católica na confluência entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras. **Imagem brasileira**, 2018. Disponível em: <https://www.eba.ufmg.br/revistaceib/index.php/imagembrasileira/article/download/321/291/>. Acesso em: 07 jun. 2022.

CASTRO, Yêda de. A. Pessoa; DE SOUZA CASTRO, Guilherme A. Culturas africanas nas Américas: um esboço de pesquisa conjunta da localização dos empréstimos. **Afro-Ásia**, n. 13,1980 p.27-50. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3630/1/afroasia_n13_p27.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

FERREIRA, Fernanda Flávia Martins. **Espiritismo kardecista brasileiro e cultura política, história e novas trajetórias**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-895PXN>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

FERRETTI, F. Sérgio. Sincretismo e religião na festa do Divino, **ANTHROPOLÓGICAS**, v. 18, n. 2, 2007, p. 105-122. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23703>. Acesso em: 10. nov. 2021

FERNANDES, Paulo César da Conceição. As origens do Espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850-1914). Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6322/1/2008_PauloCesarCFernandes.pdf. Acesso em: 07 jun. 2022.

GALEANO, Camilla. Reunião na Câmara de Niterói comemora 113 anos da Umbanda. **A Tribuna**, 15.nov.2021. Disponível em: <<https://www.tribunarj.com.br/reuniao-na-camara-de-niteroi-comemora-113-anos-da-umbanda/>. Acesso em: 21 mar. 2022

GATTI, José. Dialogismo e Sincretismo (re)definições. **Bakhtiniana**, São Paulo, 11 (3): 59-79, Set./Dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/nntCjnk8qGJKffmvcrMnLVp/?lang=pt>. Acesso em: 07 jun. 2022.

GOMES, Adriana. Entre a fé e o crime: a atuação do Reformador e da Federação Espírita Brasileira diante dos processos criminais contra cidadãos espíritas (1891-1905). *Revista Eletrônica História em Reflexão*, Dourados, v. 7, n. 14, 2013. 3-17. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2940>. Acesso em: 01 nov. 2021.

GIUMBELLI, Emerson. O "baixo espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos. **Horizontes antropológicos**, n. 19 v. 9, p. 247-281, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/mRXsmGkqyp5qZjVVSKztGpx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 nov. 2021.

HOLANDA, Edilson Peres; SILVA, Josué da Costa. A espacialização do catolicismo popular na Amazônia Ocidental. **XIII Enanpege**. São Paulo, 2019. Disponível em: http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562822399_ARQUIVO_AESPACIALIZACAODOCATOLICISMOPOPULARNAAMAZONIAOCIDENTAL_EDILSON.pdf. Acesso em: 07 jun. 2022

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro 1940**. Rio de Janeiro: IBGE, 1946.

LEMO, Carolina Teles; MOREIRA, Alberto da Silva; REIMER, Haroldo. Estudando a Religião no Cerrado. O Programa de Ciências da Religião da PUC-Goias. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 319-342, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/download/21861/11905>. Acesso em: 07 jun. 2022.

LEVI, Giovanni. Prefácio. *In*: DE ALMEIDA, Carla Maria Carvalho; DE OLIVEIRA, Mônica Ribeiro (org.). **Exercícios de micro-história**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 11-16. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=A4lIDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 10 nov. 2021.

PAIVA, C. A.; RODARTE, M.S, Dinâmica demográfica e econômica (1830-1870). *In*: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILATTA, Luiz Carlos (Org.). **História de Minas Gerais. A Província de Minas 1**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p.271-293.

MONTERO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. **Novos Estudos**, n. 74, p. 47-65, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://novosestudos.com.br/produto/edicao-74/>. Acesso: 24. Jun. 2022.

MORAIS, Mariana Ramos de. De macumba a umbanda: o processo de legitimação da religião dita genuinamente brasileira. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 17, n. 54, p. 1623-1646, set./dez. 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/18180/16520>. Acesso em: 07 jun. 2022.

MOURA, Carlos André Silva de; SILVA, Aerton Alexander de Carvalho. Missões e devoções no “Nordeste” do Brasil: a atuação eclesial e a formação de uma taumaturgia em torno do Frei Damião de Bozzano. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 47, p. 408-431, maio/ago. 2021. Disponível em: <http://revistatopoi.org/site/topoi-47/>. Acesso em: 24. Jun. 2022.

NASCIMENTO, Reginauro Sousa; NOGUEIRA, Maria Neurilane Viana. As influências culturais brasileiras na prática do espiritismo no Brasil. In: ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (ECHE), 11.; ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO (ENHIME), Fortaleza. Anais. Fortaleza: Impreco, 2012. p. 1447-1464. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/24845?locale=es> Acesso em: 01. abr. 2022

OLIVEIRA, Jane Souto de. “Brasil mostra a tua cara”: imagens da população brasileira nos censos demográficos de 1872 a 2000. Rio de Janeiro: **Escola Nacional de Ciências Estatísticas**, 2003. Rio de Janeiro n.6, p. 8-27. Disponível em: <https://nacaomestica.org/blog4/wp-content/uploads/2017/08/liv2434.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

PASSOS, Maria José Spiteri Tavolaro; DA COSTA, Mozart Alberto Bonazzi. Entre Santos e Orixás. **Imagem Brasileira**, Belo Horizonte, n. 9, p. 112-119, 2018. Disponível em: <https://www.eba.ufmg.br/revistaceib/index.php/imagembrasileira/article/view/321>. Acesso em: 24. Jun. 2022.

PEREIRA, André Andrade. O Espiritismo e a Tradição Cristã. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 4, n.1, 2007. p. 17-35. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/sacrilegens/article/view/26412>. Acesso em 24. Jun. 2022

PRANDI, Reginaldo. **O Brasil com axé**: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**. Vol.18, n.52, 2004, p.223-238. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10033>. Acesso em 24. Jun. 2022

RAMOS, Arthur. O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 729-744, 2007. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/KxpKV9mcQmrrQhGWP4rmmkB/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2021.

RAMOS, João Daniel Dorneles. “Espíritos indígenas, mensageiros dos Orixás”: Cruzamentos, passagens e caminhos na religião afro-brasileira. **Debates do NER**, Porto Alegre, n.36, p. 307-333, ago./dez. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341892222_Espiritos_indigenas_mensageiros_dos_Orixas_cruzamentos_passagens_e_caminhos_na_religiao_afro-brasileira/fulltext/5ed84e3d299bf1c67d3bb65d/Espiritos-indigenas-mensageiros-dos-Orixas-cruzamentos-passagens-e-caminhos-na-religiao-afro-brasileira.pdf?origin=publication_detail. Acesso em: 07 jun. 2022.

RIBEIRO, Josenilda Oliveira. **Sincretismo religioso no Brasil: uma análise histórica das transformações no catolicismo, evangelismo, candomblé e espiritismo**. 2012. Trabalho apresentado - Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/55900165/Sincretismo-religioso-no-BrasilJosenilda-Ribeiro.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021

ROCHA, Melina Souza da. Representações sobre as religiões afro-brasileiras e a escola: A escuta de mestres em saberes tradicionais, pertencentes ao candomblé, congado e umbanda, sobre a educação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES NEGROS, 2018, Uberlândia. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1533139574_ARQUIVO_textocompleto.pdf. Acesso em: 06 jun. 2022.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, São Paulo, v. 57, n.1, p. 353-381, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/BYNWpsPRxzMYh4gGGCwH5Vk/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2021.

ROSENDAHL, Zeny. Território e Territorialidade: Uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. **Anais do x Encontro de Geógrafos da América Latina**. Universidade de São Paulo, 2005, p. 12928-12942. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericatalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografia cultural/38.pdf>. Acesso em: 07. Jun. 2022.

SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 1, n.2, 2º sem. 1997. p.28-43.

SANCHIS, Pierre. As tramas sincréticas da história. Sincretismo e modernidades no espaço luso-brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo. v.10 n.28. 1994. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/publicacoes-sp-2056165036/rbcs/209-rbcs-28#8>. Acesso em: 23. Jun. 2022.

SILVA, Alex Kiefer da. O sincretismo religioso e a construção da identidade cultural. **Dom Total**, 29 set. 2017. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1193682/2017/09/o-sincretismo-religioso-e-a-construcao-da-identidade-cultural/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SOUZA, Tatiane Pereira. Áfricas: processos educativos presentes no terno de Congada chapéus de fitas. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - **Universidade Federal de São Carlos**, São Carlos, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/27366>. Acesso em: 10 nov. 2021

SOUZA, Tatiane Pereira. Congado: tessituras identitárias e permanências de raiz africana. **Revista EDUC Amazônia**, São Paulo, v. 21, n. 2, p.187-214, jul./dez., 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/educamazonia/article/view/5102>. Acesso em: 10 nov. 2021.

VOVELLE, Michel. **As almas do purgatório, ou o trabalho de luto**. São Paulo: UNESP, 2010.